PELA CIENTIFICIDADE FRENTE AS PSEUDOCIÊNCIAS ROMÂNTICAS, MÍTICAS E DE CRENÇAS NA CONCEPÇÃO DO EU, DO CONSCIENTE E INCONSCIENTE DOS NASCITUROS E RECÉM-NASCIDOS

FOR SCIENTIFITY IN THE FACE OF ROMANTIC AND MYTHICAL PSEUDOSCIENCE AND BELIEFS IN THE CONCEPTION OF THE "I", OF THE CONSCIOUS AND UNCONSCIOUS OF THE UNBORN AND NEWBORN

Marcelo Barboza Duarte[1]

RESUMO: Quando surge o EU do SER, no nascituro ou no recém-nascido? Há diferenças entre o EU desse SER nos dois momentos, vivencias, experiencias e movimentos distintos? No útero materno e ou após o nascimento? E o que dizer sobre a questão da consciência e inconsciência desse SER e EU simultaneamente? Há consciência e inconsciência? Apenas uma delas?! Nenhuma!? E se houver uma apenas ou as duas, elas estão ativas? São iguais no útero e após o nascimento? Podem mudar ou se modificarem? Poderíamos dizer sobre um EU, consciência e inconsciente antes de nascer e depois de nascer? Só existe um EU depois de sair do útero materno? Há apenas consciência e inconsciência após o nascimento do SER e EU? Estas são as questões que tentaremos trabalhar no ensaio em tela e suas problemáticas da atualidade. Importante informar que a noção e concepção consciente e inconsciente discutidas aqui não irão estar restritas aos aspectos moral, jurídico, religioso, formal, cultural e social, elas estarão na dimensão e pauta das áreas das neurociências, biofisiológicas, biopsíquicas e filosófica. Desse modo, realizaremos um trabalho de busca e resgate histórico do Eu, do Consciente e Inconsciente da espécie humana, no qual produções como as de Freud serão nossa base inicial e de discussões críticas quanto ao que vem sendo confeccionado sobre a história e atuação dessas esferas psíquicas da humanidade. Sendo assim, realizaremos um movimento de historiografia desses componentes da psiquê, situando-os no tempo e espaço histórico, geográfico, cultural, corporal e mental.

Palavras-chave: Ciência; Pseudociências; nascituros.

ABSTRACT: When does the I of BEING arise, in the unborn or the newborn? Are there differences between the I of this BEING in the two distinct moments, experiences, and movements? In the womb or after birth? And what about the question of consciousness and unconsciousness of this BEING and I simultaneously? Is there consciousness and unconsciousness? Only one of them? None? And if there is only one or both, are they active? Are they the same in the womb and after birth? Can they change or modify each other? Could we say about an I, consciousness and unconscious before birth and after birth? Is there only an I after leaving the mother's womb? Is there only consciousness and unconsciousness after the BEING and I are born? These are the questions that we will try to work on in this essay and its current problems. It is important to inform that the notion and conception of conscious and unconscious discussed here will not be restricted to moral, juridical, religious, formal, cultural and social aspects, they will be in the dimension and agenda of the neuroscience, biophysiological, biopsychic and philosophical areas. In this way, we will carry out a historical search and rescue work of the "I", the Conscious and the Unconscious of the human species, in which productions such as those of Freud initial base and of critical discussions about what has been done about the history and performance of these psychic spheres of humanity. Thus, we will carry out a historiographical movement of these components of the psyches, situating them in historical, geographic, cultural, biological, body and mental time and space.

Keywords: Science; Pseudoscience; unborn.

[1] Marcelo Barboza Duarte, Mestre em Educação, Gestão e Difusão em Biociências pelo Instituto de Bioquimica Médica da Universidade Federal do Rio de Janeiro – UFRJ, mbduarte@id.uff.br

INTRODUÇÃO

Há várias concepções oriundas de percepções, especulações e formulações 'teóricas' sobre e ou a respeito do nascimento do Eu no e do recém-nascido (em geral ou universal), isso o colocando diante e se contrapondo ao Eu da mãe, bem como ao surgimento, aparecimento e ou nascimento da vida psíquica ou de um Eu consciente-inconsciente no bebê, somente após nascer.

Sendo a vida psíquica evento após nascimento. Ou seja, tais hipóteses e formulações criam suas ideais sobre tais fatos baseando-se em concepções míticas, especulativas espiritualizadas, românticas, de crenças e valores socioculturais e com pano de fundo religioso e etnocêntrico, sobretudo antropocêntricas. Talvez você se pergunte: de que modo isso ocorre?

Ora, o grande problema é que a produção científica também não está isenta de se emaranhar com e em valores, objetivos e interesses individuais quanto de grupos nos campos morais, religiosos, políticos, míticos, financeiros, culturais, sociais, espirituais, econômicos e dentre outros. Desse modo, a ciência infelizmente não é neutra em relação a tais campos durante a sua produção.

Há as exceções, ainda que menos enraizadas, comprometidas ou emaranhadas com o problema exposto. Porém, não podemos ser inocentes, coniventes, imaturos, consensuais e corporativistas em não dizer que em considerável parte de produções há vínculos profundos com a defesa, conservação e divulgação ou promoção dos ideais de tais campos e seus grupos.

Dito de outra forma, a produção científica não é neutra e nem 'pura 100%' de influências diversas em suas produções. E o que dizer das pseudociências? Podemos dizer que estas são abertamente maneiras ou modos apologéticos de seus apologistas defenderem e conservarem as ideias de seus grupos, pares e seguidores. Ou seja, o trabalho em tela é uma das muitas reflexões sobre o consciente e inconsciente, quando e onde começa e ou se inicia, bem como críticas as especulações fantasiosas, místicas, religiosas, míticas, espiritualizadas e espiritualizantes desses desdobramentos do ser e da psique humana.

Com isso, o trabalho em tela faz certa apologia a investigação e prática da psicanálise como 'produto científico inacabado e aberto' frente as pseudociências, suas abordagens e métodos espiritualizantes, dogmáticos, místicos e míticos diante do Eu, do Ser, do Consciente, do Inconsciente e de toda a estrutura e sistema da psiquê humana: Reflexões, Críticas, desconstruções e reconstruções pelas neurociências, filosofia da mente, psicanálise e biofisiológicas.

As reflexões em tela são provocações e instigações aos achados da psicanálise, biologia e anatomia entre os anos de 1950-1990, no qual atualmente se houve não apenas novas descobertas nas áreas em discussão, mas também avanços, retomadas, reinterpretações, atualizações e também estagnação sobre tais discussões, uma vez que trazem polêmicas em seu bojo, porém, não podendo serem relegadas, abandonadas ou deixadas como não contendo relevância e ou importância, já que podem contribuir em muito para novas pesquisas e avanços sobre a mente humna, sua psiquê e seu

desenvolvimento, antes do nascimento, durante e pós (AUTOR, 2021).

CONCEPÇÕES DO EU, DO CONSCIENTE E INCONSCIENTE DOS NASCITUROS E RECÉM-NASCIDOS

As pseudociências não possuem um caráter de produção de ciência como produto provisório de um determinado conhecimento humano adquirido na relação teoria e prática com as vivências, sensações, percepções e experiências com os conteúdos do universo no qual a humanidade está inserida. As pseudociências procuram provar, comprovar, promover e divulgar ideias e teorias fixas, imutáveis, estáticas e dogmáticas, quase que a divulgação de uma crença, mito e especulação falaciosa com fins a legitimar um 'tipo de *status quo*.'

Por isso são etnocêntricas, pois estão ligadas a indivíduos, grupos e culturas hegemônicas e dominantes, cujos objetivos é fortalecer a realidade social, cultural, política, econômica e religiosa estabelecida e organizada por esses. E é antropocêntrica porque parte de uma visão e concepção reducionista, limitada e superficial para produzir um mundo idealizado, organizado, hierarquizado e submetido a espécie humana. Ou seja, a pseudociência é uma construção do mundo dentro de modelos, representações e objetificações humanas para obedecer e atender aos interesses humanos. Começa no ser humano, gira em torno dele e para ele, culmina com ele e o que ele disser como deve ser. A espécie humana é o centro de tudo (AUTOR, 2021, 2022).

Com isso, as pseudociências parecem ciência, mas seus objetivos contêm fins de promover ideias fixas, rígidas, dogmáticas e semirreligiosas. Elas não buscam estabelecer um diálogo com outras produções e áreas do saber para criar hipóteses e conhecimentos provisórios, mas sim buscam apenas a divulgação de ideologias dos campos mencionados. Porém, infelizmente as ciências também estão sujeitas a tais fatos e problemas, tanto em construir teorias para manter um *status quo* social vigentes quanto para mudá-los para outros modelos e ou formas dos grupos que dominam os poderes econômicos e políticos, tanto de uma nação, continente quanto do nosso planeta.

Logo, as ciências em si e suas produções também estão sujeitas e podem se enveredar e se corromperem para atender interesses de grupos ou classes bem específicos, tanto para legitimar um grupo no poder quanto para deslegitimar, tanto para controlar, disciplinar e manipular as massas sociais quanto para tentar alertá-las, desalinhá-las ou até mesmo contribuir com sua libertação ou não.

Talvez você questione: mas as pseudociências também não podem seguir tais caminhos ou fatos? Diríamos que sim, porém é observável que as pseudociências geralmente são dogmáticas, envolvem crendices etc., não que as ciências não incorram também em tais problemas, mas esses fatos são justamente o que demarcam a linha divisória entre ciências e pseudociências.

Vale lembrara que não estamos realizando nenhuma apologia ou processos de cientificismos ou neo-cientificismos, e sim apenas nos situando para o desenvolvimento da problemática em questão e como tema do assunto. Portanto, também fica desde já perceptível que as ciências podem se confundir com as pseudociências. Porém, ambas são utilizáveis para fins e objetivos diversos, por interesses diversos e para grupos também

diversos e ou específicos. Importante ainda dizer que enquanto as pseudociências não se importam muito quanto ao caráter do e com o rigor dos métodos, processos e produção científica, quanto ao falseamento da produção cientifica, bem como da própria ética e lógica cientifica, que é ser provisória, as pseudociências apenas tentam forçar e reforçar ideologias, crenças, dogmas, doutrinas e certos *status quo* sociais, políticos, religiosos e econômicos.

Mas como já informado, as ciências também podem incorrer nesses caminhos: contribuir para manter e conservar certos *status quo* sociais, políticos, religiosos, históricos e econômicos ou contribuir para mudá-los e ou transformá-los (AUTOR, 2021).

Feito tais esclarecimentos e situando a relação da ciência com e para com a pseudociência, podemos adentrar na problemática da questão em tela: Pela cientificidade frente as pseudociências românticas-romantizadoras, míticas e de crenças na concepção do Eu, do consciente e inconsciente dos recém-nascidos. Talvez esta exposição seja um tanto fria, porém necessária. Já que não romantizaremos as relações sociais entre nascituro, recém-nascido e mãe.

Como mencionado há várias concepções e formulações de percepções sobre o Eu do recém-nascido frente ao Eu da mãe, bem como do aparecimento e ou surgimento dos processos e conteúdo do consciente e inconsciente de um bebê ou de todos em geral e universalmente falando. Já que tais correntes, talvez especulativas teóricas, ou talvez hipotéticas, tentem generalizar e ou universalizar suas formulações teóricas sobre esses quesitos e categorias da vida e realidade da existência humana.

Esse não é um problema ou o problema, já que em geral e universalmente falando, saudavelmente todos os nascituros e recém-nascidos devem e ou possuem cérebros e corpos. Corpos e cérebros. Logo, possuem toda a estrutura e sistema de bioquímica da espécie humana considerada saudável (mesmo que haja deficiências) ou com ressalvas quanto ao uso da palavra ou termo: normal=saudável (não sendo um ‘monstro’).

Se o recém-nascido contém e ou possui toda uma estrutura, sistema e ‘engenharia’ bioquímica interior funcionando antes mesmo de nascer, e que mantém toda a sua estrutura externa e interna corporal, tanto de sensações, emoções e sentidos internos e externos, repito, antes de nascer, podemos afirmar com toda a certeza de que há um corpo e um cérebro funcionando internamente a ele, o corpo e externamente ao mesmo (sintonias ou holismo), isso dentro do corpo da mãe.

Desse modo, há audição, processos cerebrais de memória e raciocínio funcionando, já que ambos estão interligados e são codependentes. Fatos e eventos verificados e comprovados por muitos métodos, formas e instrumentos científicos. Isso não é um fato fixo, fechado e dado pronto e acabado, mas apenas um pouco do conhecimento provisório, e até então que cientificamente possuímos sobre a formação do cérebro e seus processos, tanto de um SER nascituro a um SER já nascido e Adulto.

Pois bem, se no nascituro já há um cérebro, um corpo e todo o seu sistema e estrutura funcionando ‘normalmente’ e ou saudavelmente, onde o nascituro já ouve sons, sente odores, contém processos cerebrais de raciocínio, memória e gostos=paladar trabalhando mesmo estando dentro do útero materno. Ou seja, se há todo esse aparelho interno ao corpo e o externo, como a pele e suas sensações e sentidos que vão direto para

o cérebro e a memória do nascituro, podemos dizer sem receios que há um EU já em ação e interação no útero, e ele não se identifica como 'parte da mãe' ou dependente dela, uma vez que ele nem imagina que ela exista ou como seja.

A imagem, representação e concepção que geralmente fazemos sobre esse assunto é romântica, cultural, histórica, religiosa ou espiritualizada, bem como envolta em crenças, mitos e especulação pseudocientíficas (COSENZA; GUERRA, 2012; WINNICOT, 1986; UJVARI, 2020; WOLFF, 2016).

Um nascituro já quase formado no útero materno com quase todo o seu corpo externamente pronto, já possui sensações e sentidos desses via órgão pele, e direto para seus nervos e neurônios, ou seja, para seu cérebro e este as interpretando, significando e memorizando. E o que dizer das influências externas como música, sons, alimentação da mãe e a utilização de produtos, drogas e outros que vão também para o nascituro e sua corrente sanguínea, cérebro e portanto, também memória? (GONSALVES, 2017; ANZIEU, 2001). Se há cérebro, corpo, pele e conexões, há algum armazenamento de memória.

Assim, podemos observar que ele, o nascituro e SER está lá dentro do útero, mas ele é um SER e EU individual, individualizado e individualista (individualista numa outra conotação). Para alguns pesquisadores, friamente falando, talvez um ser já egoísta e individualista (no sentido biológico de sobrevivência). Isso porque o nascituro atua instintivamente e racionalmente única e exclusivamente para se manter vivo, se alimentando e dormindo, eliminando dentro de seus limites e condições tudo o que lhe faz mal-mau, desagrada ou irrita o seu estado de 'prazer' e ou satisfação em que está por ou durante meses de sua vida e existência ali naquele espaço (adaptação).

Seus órgãos e organismos como um todo, celulares, moleculares a bactérias e vírus já trabalham em conjunto para o manter vivo, mesmo isso sendo como um processo irracional ou aleatório, mas há toda uma arquitetura, engenharia, sistema e estrutura que assim faz funcionar, manter e dar a vida aos seres humanos (MASCARENHAS, 2021; MASLIN, 2014; DARWIN, 2018).

Com isso, podemos inferir não apenas a existência de um SER e um EU que depende por necessidade, comodidade e conforto de um outro SER e EU, a mãe, mas também podemos inferir em todos os processos, sensações e experiencias uterinas, uma memória, raciocínio e um consciente e inconsciente já ativos, prontos e em constantes processos de desenvolvimento, expansão, agregando conteúdos, ampliações diversas, retornos psíquicos e atualizações internos do SER e EU ainda um nascituro.

Desse modo, tanto o Eu quanto o consciente e inconsciente não são vivencias e experiencias apenas pós nascimento ou do recém-nascido, mas sim processos e desenvolvimentos internos ao nascituro ainda no útero materno (COSENZA; GUERRA, 2012; MASLIN, 2014).

Acreditamos que boa parte das especulações que envolvem criar, perceber e conceber a existência de um EU, do consciente e inconsciente apenas após o nascimento e alguma emancipação da mãe, teorias românticas, romantizadoras e repletas de conteúdos, signos, símbolos e significados míticos e crenças da relação mãe e bebê, e com sutis tonalidades espiritualizadas dessa relação e da mesma com o universo, são em boa parte pseudociências.

Não que sejamos contrários a tais crenças, formas de pensar e conceber as relações entre humanos e humanos e universo. Porém, investigando, observando e analisando friamente, com cautela, rigor e com certo distanciamento desses emaranhados culturais, a ciência pode compreender melhor e de modo mais claro os processos mentais, da formação do SER, do Eu e do consciente e inconsciente dos nascituros. Isso desde seus processos de formação físicas inacabados do ser enquanto espécie até seu nascimento, vivencias e experiencias no mundo fora do útero materno.

E tais experiencias e vivencias irão abarcar tanto o EU do SER que não havia nascido quanto o que acabou de nascer, em e por seus processos bioquímicos e biopsíquicos. E após nascer biopsicossociais. Ou seja, não existia apenas uma vida-SER bioquimicamente antes do nascer como alguns pensam, digo do nascituro, mas um SER e EU já completos (integrações bioquímicas internas modificáveis), isso porque para alguns teóricos a vida psíquica (o EU) só passa a existir e ocorrer após o nascimento (Fato que parece não se sustentar).

Ficando o nascituro no útero materno apenas como um organismo vivo flutuante sem nexo, sentido, significados, memorias, sensações, emoções, traumas e outros eventos que uma vida em existência pode perceber e sentir, mesmo no útero. Para estes teóricos o EU, assim como o consciente e inconsciente só vão existir ou se manifestarem somente após o nascimento, teorias estas de Mahler (1980) e Klein (1968).

Ora, a estrutura e plataforma bioquímica 'essencial' é a mesma desde o início, havendo poucas alterações ou transformações. O corpo e órgãos vão crescer e se desenvolver, mas a base que os gerou está lá para sempre. E esta deu origem aos órgãos, corpo, cérebro e seus processos mentais mesmo no útero. Aqui falando mais geneticamente e biologicamente.

Desse modo, fica observável que aquelas tais especulações e teorias com suas várias correntes não levam em consideração todos esses eventos do SER, do EU, e do cérebro contendo memória, sensações e sentidos do nascituro ainda no útero materno. Fatos que não podem ser desconsiderados. E assim inferem que a vida psíquica somente surge após o nascimento, não observando e relevando os fatos no ou do útero, e assim eles relegam todos os eventos do nascituro no útero (HERCULANO-HOUZEL, 2012; AUTOR, 2018).

Tais correntes teóricas e especulativas esquecem-se de que o nascituro está ativamente se desenvolvendo e ampliando suas capacidades auditivas, olfativas, degustativas, cerebrais, mentais, de memória, relação interna mental, orgânica, psíquica, associação, gostos e dentre outros. Isso por tudo o que ouve, sente e consome no útero. Bem como pelo que puder ouvir e sentir fora do útero.

Todos os seus órgãos sensoriais estão ativos e atuando, logo estão em "*On"* e não em "*Off*." Ele não é um ser flutuante numa bolha sem ações, reações, sensações, movimentos e emoções. Muito pelo contrário, ele é um EU ativo, atuante e em movimentos e processos internos objetivos e talvez já subjetivos aquela etapa, fase e seus momentos.

Se compreendermos que a vida psíquica é algo apenas após o nascimento, e que antes só há a vida biológica, concebemos assim que o nascituro é uma coisa ou SER inerte, flutuante, passivo e sem qualquer reação aos desconfortos que o afetam no útero materno. Ora, é sabido na atualidade e verificável, bem como testável, que o nascituro

reage a tudo o que lhe causa desconforto no útero, se movimenta, se desloca, gira, 'chuta,' se remexe e inclusive já se pode 'medir' ou consultar seus batimentos cardíacos, sensações e dinâmica cerebral por meio de aparelhos e instrumentos tecnológicos externos a ele, o nascituro.

Através desses aparentes fatos simples, pode se observar o desenvolvimento do nascituro, desde o corporal exterior quanto interior, logo, também de suas ações e reações dentro do útero. Diante disso, não há como conceber apenas uma vida biológica dentro do útero e negar a vida psíquica. Isso é dizer ou afirmar que toda a vida psíquica, consciente e inconsciente é apenas no mundo exterior e material ao útero, no mundo social.

E isso é negar e suprimir todo o sistema, estrutura, órgãos e aparelhos ligados a sensações, emoções, sensibilidades, raciocínio, memória e dentre outros. Que fazem o SER e EU sentir, perceber, se emocionar, lembrar, raciocinar etc., o que nos confere tanto nosso EU quanto nossa consciência e inconsciência enquanto SER, EU e outro (HERCULANO-HOUZEL, 2012; VYGOTSKY, 1988; MASCARENHAS, 2021; GONSALVES, 2017; FREUD, 1980, 1988, 2014).

Portanto, conceber um SER sem EU, sem consciência e inconsciência dentro do útero materno é dizer que toda a vida psíquica é puramente exterior e material. Isso é negar todo o aparato sensitivo, base mental, sistema neural, estrutura bioquímica, interações, movimentos, desenvolvimento e conexões de todo o cérebro com o todo do corpo e vice-versa, bem como as relações desses com o mundo ao redor do nascituro, mesmo no útero. É tornar o nascituro um não SER sendo, vazio, sem EU, sem consciência e inconsciência, sem experiencias e vivencias, mesmo uterinas.

Talvez nós ainda não tenhamos como observar precisamente e nitidamente tais fatos e eventos psíquicos como após o nascimento, mas não quer dizer que eles não estejam lá. Eles podem ser verificados indiretamente e por relações e associações. A própria lógica do aparato, sistema e estrutura biofísica humana demonstram uma base antes de nascer e após nascer. Sendo assim, o EU, o consciente e inconsciente só após o nascimento se torna algo quase que podendo ser palpável, verificável e visível claramente. Seria quase como se olhássemos uma pedra no chão da rua. Todos eles são complexos tanto no útero quanto fora.

Vida psíquica e vida biológica. Um dualismo que se origina em antigos dualismos, como céu e terra, sol e lua, mente e corpo, corpo e alma, alma e espírito, quente e frio, matéria e espírito, corpo e forma, cheio e vazio, bem e mal, céu e inferno, consciente e inconsciente, tudo e nada, biológico e psicológico, e assim por diante. Além desses virem de antigas correntes dualistas e especulativas da vida, dos seres, da natureza das coisas, da existência e do universo, também possuem origens de alguma forma direta ou indireta 'renovadas' nas ideias também 'renovadas' cartesianas. Dito de outra forma, os dualismos passaram por modificações, renovações e adaptações contextuais, sociais, políticas, culturais, religiosas e econômicas (DAMÁSIO, 1988; WOLFF; FERREIRA, 2016).

E mesmo parecendo paradoxal e ou antagônico, tais teorias, especulações e correntes sobre o assunto em questão e discussão, também bebem de alguma forma numa mistura de positivismo e neopositivismo. Talvez você se pergunte: Mas a exposição não abra margem para um neopositivismo ou neopositivismo lógico? Diríamos que não, pois

o assunto de discussão em tela não é a validade, verdade ou verificação lógica linguística, conceitual, filosófica, ideológica ou pseudocientífica apologética a alguma teoria e ou corrente (alguma especulação ontológica ou metafisica).

Mas sim fatos constatados pela observação, empiria, testagem, verificação, teorias, métodos e instrumentos científicos de alta tecnologia na e da era moderna. Ou seja, na atualidade se é possível verificar, acompanhar e influenciar direta e objetivamente a vida, EU, ser e existência de um nascituro ainda no útero, simplesmente pelo aparato e arcabouço científico e tecnológico que as sociedades contemporâneas possuem. E isso pode ser positivo quanto negativo, infelizmente. Os nazismos e neonazismos com seus experimentos são bons exemplos negativos e infelizes. Voltando a questão a vida psíquica e a vida biológica.

A vida biológica e ou bioquímica é a vida material, orgânica do SER vivo, porém também há a vida social, de relações sociais, afetivas e culturais que o ser humano cria e influência, e estas ao mesmo tempo também os influenciam de várias formas, modos e rumos. E juntamente com estas, inerentes e imanentes está o EU e o outro, e em ambos todo um aparato estrutural, sistemático, sistematizado e ativo, completamente atuante em cada SER-indivíduo em maior ou menor grau por diversos fatores e origens, o consciente e o inconsciente.

Que são como uma espécie ‘de plataforma’ com compartimentos que trazemos dentro da estrutura cerebral, talvez mental. Tanto o consciente quanto o inconsciente não são palpáveis, visíveis ou tocáveis, eles são percebidos, notados e observados por e em nossas falas, ações e comportamentos. São uma estrutura dentro do cérebro do nascituro, que está dentro do seu corpo, que por sua vez se encontra dentro do útero, e que depois sairá deste último.

Porém, a estrutura permanece no e com o recém-nascido até a fase adulta e ou durante toda a sua vida. Logo, tal plataforma consciente e inconsciente que fazem partes da estrutura do EU, sendo inseparáveis, já se originam, se formam, se desenvolvem, se expandem (ou não), se alteram ou se modificam desde o momento do nascituro no ventre materno (AUTOR, 2018). Onde fica quase inconcebível logicamente quanto empiricamente se dizer que só existe vida psíquica após o nascimento. Existindo assim antes disso, na vida uterina, apenas a vida biológica ou bioquímica.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Portanto, é de fundamental importância uma visão, verificação, concepção e aguçar de nossas percepções sobre a vida e existência do nascituro como um SER, um EU, e não um EU apêndice do EU da mãe, isso é uma estória e concepção mística e romantizada de fatos, eventos e processos de suma relevância e importância. E sobretudo se levar em consideração pelas exposições que podem ser facilmente verificadas, comprovadas e estudadas na atualidade, não apenas o EU do nascituro, como suas ações, movimentos, reações e hipóteses sobre seu consciente e inconsciente.

O consciente pode ser facilmente observado durante todo o processo de gestação, pois ocorre juntamente com o desenvolvimento do nascituro, mesmo com as dificuldades, problemas, obstáculos e ataques internos que o bebê desde feto sofre no útero materno.

Logo, o desenvolvimento da gestação é também um desenvolvimento dos processos cerebrais, logo conscientes do nascituro pela busca de ser e existir instintivamente. Já os fatos e conteúdo do inconsciente podemos apenas dizer que são partes inseparáveis do SER, do EU e do consciente, desse modo, ele está presente, ativo, em desenvolvimento e atuante. O problema é verificá-lo efetivamente, testá-lo e descrevê-lo, isso ainda no útero materno.

Mas como tal fato é absurdo, cruel, desumano e totalmente antiético, podemos apenas dizer que o EU, consciente e inconsciente são partes da mesma plataforma do SER-EU, inerentes e imanentes da e na estrutura, sistema, engenharia, organização e arquitetura de uma espécie e estética interna psíquica-cerebral do SER e EU, é totalmente claro e concebível que EU, consciente e inconsciente estão além da vida biológica e exterior no recém-nascido, elas estão 'ocultas,' mas em processos e movimentos internos ao nascituro ainda dentro do ventre materno.

E até então tais conteúdos serão o segrego de todos os nascituros, podendo ser ou não um dia rememorados e expostos de forma e modos objetivos, claros=sem confusões e distintos quando adultos (ou numa fase de absoluta clareza, mas quem possui tal fase de absoluta clareza?). Todos os conteúdos em suas especificidades. Mas até lá possuímos apenas hipóteses, sombras e fragmentos que vão sendo decifrados pelas ciências que se aplicam a estudar a mente e comportamento humano.

E com isso nenhuma certeza ainda é clara o bastante, distinta, objetiva e segura sobre tais conteúdos estudados. Ainda que as observações, estudos, regressões psicanalíticas ou psicoterapêuticas em crianças e adultos, seus dados e análises destes tratem de inúmeros, diversos, complexos e problemáticos conteúdos, uma resposta, definição e certeza sobre eles ainda são temas de muitas discussões e debates em e por diversas áreas do conhecimento humano.

A certeza que talvez possamos possuir é que o órgão cerebral é uma base de muitos segredos e dilemas. E que não atua sozinho, mas com todo o corpo e organismo explorando minimamente seu interior quanto exterior. O indivíduo como sujeito e objeto de si mesmo e frente ao mundo (HERCULANO-HOUZEL, 2012; AUTOR, 2018). Ou seja, a questão do Eu, consciente e inconsciente do nascituro permanecerá em aberto, em debates e sem conclusões definitivas, pois duas hipóteses fortes nos são deixadas. Porém, não podendo ser verificadas e testadas concretamente e objetivamente. O que há são suposições fortes pelas correntes das neurociências e pelas das psicanálises.

Concluo nossas considerações esclarecendo que se o caro leitor interpretou que o trabalho em tela é um ataque ou crítica a Freud, muito pelo contrário, talvez há algumas críticas a ele, e outras críticas mais profundas ao que se produziu 'após' Freud e seu projeto de psicanálise (iniciando antes dele, em sua contemporaneidade até a atualidade). Uma vez que, Freud buscou ao máximo realizar dois projetos e movimentos em suas extensas e profundas obras, primeiro em tentar ao máximo se desviar de todo e qualquer cientificismo e positivismo ainda em voga, já que algumas abordagens das áreas da psiquiatria, psicologia e 'recente' psicanálise ou análise da psique humana tentavam manter suas aproximações com estes modos supostamente científicos.

Talvez pseudocientíficos. Desse modo, Freud fez o esforço de se esquivar e se diferenciar desses produtos e suas produções. O segundo movimento e projeto freudiano

era justamente se utilizar de todo o arcabouço teórico e metodológico das áreas do conhecimento, tanto das científicas quanto também das não cientificas, para assim montar um método que desse conta e suporte tanto a cientificidade da psicanálise quanto a possibilidade de reprodução das bases de sua metodologia, isso com fins a contribuir também com os modos, métodos e conteúdo das ciências em geral no seu intuito em se debruçar e investigar a psique humana. Desde indivíduos quanto grupos.

Entretanto, após Freud muito do que foi sendo produzido pela psicanálise começou a se enveredar por caminhos que ele tentou afastar a psicanálise, tanto do cientificismo, da pseudociência, romantismos, projetos políticos de poder e manutenção desses, bem como das cirandas envolvidas com misticismos e religiosidades. Ainda que Freud tenha se apropriado de mitos, filosofia, política, biologia, religiões, anatomia, linguística e dentre tantas outras áreas para fundar a psicanálise e manter seu diferencial, características e ou especificidades em relação a àquelas áreas, para que assim ela pudesse se debruçar sobre a psique humana, suas manifestações e produções, e não para atestar e ou legitimar crendices, pseudociências e neopositivismos como ciência.

Com isso, ainda que contenham em tela algumas críticas indiretas a Freud e suas concepções sobre consciente e inconsciente em relação à nascituros e recém-nascidos, bem como seus dualismos, cabe dizer que o fulcro crítico central do trabalho é direcionado ao que foi surgindo paralelamente ao projeto de psicanálise de Freud e após ele.

Uma espécie de psicanálise mística, pseudocientífica, romântica e neopositivista. Onde o referencial político, ideológico e religioso direciona e determina tanto o olhar-investigar psicanalítico quanto suas produções. Um verdadeiro 'caldo' de posicionamentos religiosos, políticos, de manutenção de poder com áreas e métodos das ciências para fazer psicanálise. Algo que Freud tentou veementemente combater.

Talvez o leitor se pergunte: mas o que Winnicott tem com isso?

É justamente o objetivo da crítica do todo do trabalho em tela. Enquanto Freud propõe uma psicanálise com certa atitude libertária e ou libertadora de padrões e modelos sociais, Winnicott nos dá a perceber certa psicanálise como instrumento de enquadramento de sujeitos e indivíduos, uma maneira pedagógica da psicanálise propor padrões, moralidades e conservadorismos ocidentais e Euro-Americanos, iniciando pela infância, justamente após o nascimento do bebê, onde para ele, inicia-se o processo de desenvolvimento não apenas físico e social do indivíduo.

Mas, sobretudo o seu desenvolvimento psíquico, que se origina, acontece, se efetiva e se segue à partir do nascimento. Sendo assim, em análises as contribuições winnicottianas, podemos perceber um modo psicanalítico também como uma pedagogia da moralização e padronização. O que sem dúvida Freud observaria e se oporia. Veremos a seguir Freud dar certa definição de sua psicanálise. Finalizo o ensaio com uma extensa, porém instigante e profunda reflexão freudiana,

> Direi, logo de início, que não me refiro a uma dificuldade intelectual, algo que torne a psicanálise inacessível à compreensão do ouvinte ou leitor, mas a uma dificuldade afetiva: algo que torna alheios à psicanálise os sentimentos do indivíduo, de modo que este não se inclina a acreditar ou demonstrar interesse por ela. Logo se percebe que as duas dificuldades resultam numa só. Quem não vê com bastante simpatia uma coisa não a compreende facilmente. Em

consideração ao leitor, que suponho ainda não informado sobre o tema, devo remontar um bom pedaço. Na psicanálise veio a configurar-se, a partir de um grande número de observações individuais e impressões, algo como uma teoria, que agora se conhece pelo nome de teoria da libido. Como é sabido, a psicanálise se ocupa do esclarecimento e da eliminação dos chamados distúrbios nervosos. Foi preciso achar um ponto para a abordagem desse problema, e resolveu-se buscá-lo na vida instintual da psique. Hipóteses sobre a vida instintual do ser humano tornaram-se, portanto, o fundamento para a nossa concepção da doença nervosa. A psicologia, tal como é ensinada entre nós, dá respostas muito pouco satisfatórias, quando questionada acerca dos problemas da vida psíquica. Mas em nenhuma área suas informações são mais pobres do que na dos instintos. Fica a nosso critério, então, decidir como nos orientarmos inicialmente nesse ponto. A concepção popular distingue fome e amor, como representantes dos instintos que buscam, respectivamente, a conservação do ser individual e a sua reprodução. Seguindo essa distinção tão palpável, na psicanálise também distinguimos entre instintos de autoconservação, ou do Eu, e instintos sexuais, e chamamos de libido — desejo sexual — a energia com que o instinto sexual aparece na vida psíquica, como algo análogo à fome, à vontade de poder etc., no tocante aos instintos do Eu. É com base nessa hipótese que fazemos a primeira descoberta significativa. Aprendemos que os instintos sexuais têm importância bem maior para a compreensão das neuroses, que estas são, por assim dizer, enfermidades específicas da função sexual; que o fato de uma pessoa contrair ou não uma neurose depende da quantidade de libido e da possibilidade de satisfazê-la e descarregá-la por meio da satisfação; que a forma da doença é determinada pelo modo como o indivíduo perfaz o desenvolvimento da função sexual, ou, como dizemos, pelas fixações que sua libido experimentou no curso de seu desenvolvimento; e que, com uma certa técnica de influência psíquica, não muito simples, temos como esclarecer e, ao mesmo tempo, anular alguns tipos de neuroses. Nosso esforço terapêutico tem maior sucesso com certa classe de neuroses que surgem do conflito entre os instintos do Eu e os instintos sexuais. Pois no ser humano pode ocorrer que as exigências dos instintos sexuais, que sem dúvida ultrapassam o indivíduo, apareçam como um perigo para o Eu, ameaçando-lhe a autoconservação ou a autoestima. Então o Eu se defende, nega aos instintos sexuais a satisfação desejada e força-os a tomar os desvios de uma satisfação substituta, que se manifestam como sintomas nervosos. A terapia psicanalítica consegue então submeter o processo repressivo a uma revisão e levar o conflito a um desfecho melhor, compatível com a saúde. Adversários incompreensivos nos fazem a objeção de parcialidade na avaliação dos instintos sexuais: o ser humano teria outros interesses além dos sexuais. Nós jamais esquecemos ou negamos isso, nem por um momento sequer. Nossa parcialidade é como a do químico, que explica todas as constituições pela força da atração química. Não é por isso que ele nega a força da gravidade, apenas deixa para os físicos a sua apreciação. Durante o trabalho terapêutico temos de considerar a distribuição da libido no paciente; pesquisamos as representações objetais a que sua libido está ligada e a liberamos, a fim de pô-la à disposição do Eu. Nisso viemos a traçar um quadro muito curioso da distribuição original e primeira da libido no ser humano. Tivemos de supor que no início da evolução individual toda a libido (todo o empenho erótico, toda a capacidade amorosa) se acha ligada à própria pessoa, ou, como dizemos, investe o próprio eu. Somente depois ocorre, apoiando-se na satisfação das grandes necessidades vitais, que a libido transborde do Eu para os objetos externos, e apenas assim podemos reconhecer como tais os instintos libidinais e separá-los dos instintos do Eu. A libido pode novamente destacar-se desses objetos e retirar-se para o Eu. Ao estado em que o Eu retém a libido chamamos narcisismo, lembrando o mito grego do jovem Narciso, que se apaixonou por sua própria imagem refletida. Portanto, atribuímos à pessoa um progresso, do narcisismo para o amor objetal. Mas não cremos que toda a libido passe, alguma vez, do Eu para o objeto. Um certo montante de libido sempre fica no Eu; um certo grau de narcisismo continua a existir, mesmo com

o amor objetal bem desenvolvido. O Eu é um grande reservatório do qual flui a libido destinada aos objetos, e ao qual ela novamente aflui a partir dos objetos. A libido objetal foi primeiramente libido do Eu, e pode transformar-se de novo em libido do Eu. É essencial, para a plena saúde da pessoa, que sua libido não perca a mobilidade plena. Para ilustrar essa condição, imaginemos um protozoário em que a substância viscosa lança pseudópodes, prolongamentos nos quais a substância somática se estende, mas que a qualquer instante podem novamente retrair-se, de modo que a forma da pequena massa de protoplasma seja restabelecida. O que procurei delinear com essas indicações é a teoria libidinal das neuroses, sobre a qual se baseiam todas as nossas concepções acerca da natureza desses estados patológicos e o nosso procedimento terapêutico para combatê-los. É claro que também consideramos válidos os pressupostos da teoria da libido para o comportamento normal. Falamos de narcisismo do bebê e atribuímos ao intenso narcisismo do homem primitivo o fato de ele crer na onipotência de seus pensamentos e de querer influir no curso dos eventos do mundo mediante a técnica da magia. Após essa introdução, gostaria de assinalar que o narcisismo geral, o amor próprio da humanidade, sofreu até o momento três duras afrontas por parte da pesquisa científica. a) O ser humano acreditou, no início de sua pesquisa, que sua morada, a Terra, achava-se imóvel no centro do universo, enquanto o Sol, a Lua e os planetas moviam-se ao seu redor em trajetórias circulares. Nisso acompanhou, de modo ingênuo, as impressões de seus sentidos, pois não sente o movimento da Terra e, sempre que pode olhar livremente à sua volta, vê-se no centro de um círculo que abrange o mundo exterior. A posição central da Terra era garantia de seu papel dominante no universo, e parecia condizer muito bem com a tendência humana de sentir-se dono deste mundo. O aniquilamento dessa ilusão narcísica está relacionado, para nós, ao nome e à obra de Nicolau Copérnico, no século xvi. Muito antes dele, os pitagóricos haviam questionado a posição privilegiada da Terra, e Aristarco de Samos havia declarado, no século iii a.C., que a Terra era bem menor que o Sol e se movimentava em torno deste. A grande descoberta de Copérnico foi feita antes dele, portanto. Quando ela teve reconhecimento geral, porém, o amor-próprio humano experimentou sua primeira afronta, aquela cosmológica. b) No curso de sua evolução cultural, o homem se arvorou em senhor das demais criaturas do reino animal. Não satisfeito com esse predomínio, começou a criar um abismo entre sua natureza e a deles. Negou que possuíssem razão e dotou a si mesmo de uma alma imortal, invocando para si uma procedência divina, que lhe permitiu romper os laços com o mundo animal. É digno de nota que tal presunção ainda seja desconhecida do bebê, assim como do homem primitivo e primevo. Ela resulta de uma evolução posterior, mais ambiciosa. No estágio do totemismo, não repugnava ao primitivo que a sua tribo remontasse a um antepassado animal. Nos mitos, que contêm os precipitados desse antigo modo de pensar, os deuses assumem formas animais, e a arte dos primórdios apresenta os deuses com cabeças de animais. A criança não vê diferença entre sua própria natureza e a do animal; não se surpreende de que os animais pensem e falem nos contos de fadas; desloca para um cão ou um cavalo o sentimento de medo que tenha em relação ao pai, sem pretender com isso depreciar o pai. Somente quando se torna um adulto ela se acha a tal ponto afastada dos animais que insulta seres humanos com o nome de um animal.

Todos nós sabemos que há pouco mais de meio século as pesquisas de Charles Darwin, de seus colaboradores e precursores, puseram fim a essa presunção do ser humano. O homem não é algo diferente nem melhor que os animais; é ele próprio de origem animal, mais aparentado a algumas espécies, mais distante de outras. Suas conquistas posteriores não puderam apagar testemunhos da equivalência, tanto na estrutura do corpo como na disposição psíquica. Esta é a segunda afronta, aquela biológica, ao narcisismo humano. c) A terceira afronta, de natureza psicológica, é talvez a mais sentida. Embora humilhado exteriormente, o homem sente-se soberano em sua própria psique. Ele criou, em alguma parte do âmago de seu Eu, um órgão inspetor, que vigia seus impulsos e ações, para que coincidam com suas exigências. Não sucedendo

isso, são implacavelmente inibidos e recolhidos. A percepção interna do Eu, a consciência, informa-o sobre todos os eventos significativos da atividade psíquica, e a vontade, orientada por essas notícias, executa o que o Eu ordena, modifica o que tenderia a realizar-se autonomamente. Pois a psique não é algo simples, é antes uma hierarquia de instâncias superiores e subordinadas, uma profusão de impulsos que, independentes uns dos outros, lutam pela realização, de modo correspondente à multiplicidade de instintos e de relações com o mundo externo, que frequentemente se antagonizam e são incompatíveis. O funcionamento requer que a instância mais alta tenha ciência de tudo o que se prepara, e que a sua vontade possa penetrar em todo canto, a fim de exercer sua influência. Mas o Eu se sente seguro tanto da fidelidade e completude das informações quanto da viabilidade de suas ordens. Em determinadas doenças, e justamente nas neuroses que estudamos, as coisas são diferentes. O Eu se sente mal, depara com limites a seu poder em sua própria casa, a psique. De repente surgem pensamentos que não se sabe de onde vêm; tampouco se tem como expulsá-los. Esses hóspedes desconhecidos parecem até mais poderosos do que os submetidos ao Eu; resistem a todos os meios coercivos da vontade, aprovados em muitas ocasiões, e permanecem imperturbados ante a refutação lógica, indiferentes ao desmentido da realidade. Ou ocorrem impulsos que parecem os de outro indivíduo, de modo que o Eu os renega, mas tem de receá-los e tomar precauções contra eles. O Eu diz a si mesmo que se trata de uma doença, uma invasão estrangeira, e aumenta a vigilância, mas não pode entender por que se sente paralisado de maneira tão estranha. A psiquiatria contesta, naturalmente, que esses casos envolvam espíritos maus que se infiltraram na psique, mas limita-se a dizer, dando de ombros: "Degeneração, disposição hereditária, inferioridade constitucional!". A psicanálise procura esclarecer essas inquietantes doenças; ela empreende pesquisas longas e acuradas, produz conceitos auxiliares e construções científicas, e pode enfim dizer ao Eu: "Nada estranho se introduziu em você; uma parte de sua própria psique furtou-se ao seu conhecimento e ao domínio de sua vontade. Por isso é tão fraca a sua defesa; uma parte de sua força luta contra a outra parte, você não pode reunir toda a sua força, como se lutasse contra um inimigo externo. E não é sequer a parte pior ou menos importante de suas forças psíquicas que se opôs de tal forma e tornou-se independentemente de você. A culpa, devo dizer, é seu mesmo. Você superestimou sua força, ao crer que podia fazer o que quisesse com seus instintos sexuais, sem considerar minimamente as intenções deles. Então eles se rebelaram e tomaram seus próprios obscuros caminhos, a fim de escapar à repressão, e criaram seus próprios direitos, de uma maneira que você não pode aprovar. Como realizaram isso e que vias percorreram você não pôde saber; apenas chegou ao seu conhecimento o resultado desse trabalho, o sintoma que você percebe como sofrimento. Você não o reconhece como derivado de seus próprios instintos rejeitados, e não sabe que ele é a satisfação que os substitui. "Mas todo o processo é tornado possível apenas pelo fato de você também se equivocar em outro ponto importante. Você acredita saber tudo o que de relevante se passa em sua mente, já que sua consciência o informa a respeito disso. E, quando não recebe notícia de algo na mente, supõe, com muita confiança, que aquilo não se acha nela. Você chega a identificar 'mental' e 'consciente', isto é, conhecido por você, não obstante as claras evidências de que em sua vida mental deve ocorrer muito mais do que o que pode tornar-se conhecido para a sua consciência. Então aprenda uma coisa nesse ponto! O que é mental, em você, não coincide com o que lhe é consciente; algo suceder em sua mente e você ter notícia dele são coisas diferentes. Admito que habitualmente o serviço de informações de sua consciência basta para suas necessidades. Você pode acalentar a ilusão de saber tudo o que é mais importante. Mas em alguns casos, como no conflito instintual mencionado, esse serviço fracassa, e sua vontade não vai além de seu saber. Em todos os casos, porém, as informações de sua consciência são incompletas e, frequentemente, suspeitas; também acontece de você ter notícia dos eventos apenas depois de consumados, e já não poder modificá-los. Ainda quando você não está doente, quem pode avaliar o que age em sua alma, coisas

> de que você não vem a saber ou de que é informado erradamente? Você se comporta como um rei absoluto, que se contenta com os dados fornecidos por seus principais cortesãos e não desce até o povo para escutar a voz dele. Volte-se para si, para suas profundezas, e conheça antes a si mesmo; então compreenderá por que tem de ficar doente, e conseguirá talvez não ficar doente". Isso a psicanálise quis ensinar ao Eu. Mas esses dois esclarecimentos, de que a vida instintual da sexualidade não pode ser inteiramente domada em nós, e de que os processos mentais são inconscientes em si e apenas acessíveis e submetidos ao Eu através de uma percepção incompleta e suspeita, equivalem à afirmação de que o Eu não é senhor em sua própria casa. Juntos eles representam a terceira afronta ao amor-próprio humano, que eu chamaria de psicológica. Não surpreende, portanto, que o Eu não demonstre boa vontade com a psicanálise e se recuse obstinadamente a dar-lhe crédito. Poucos homens puderam discernir a importância enorme que a admissão de processos mentais inconscientes teria para a ciência e a vida (FREUD, 2018. p. 179-187).

REFERÊNCIAS

ANZIEU, D. **O Eu - Pele.** São Paulo. Casa do Psicólogo, 2001.

CASSIRER, E. **Ensaio sobre o homem.** Introdução a uma filosofia da cultura humana. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

COSENZA, R. M.; GUERRA, L. B. **Neurociências e Educação:** Como o Cérebro Aprende. Porto Alegre. Editora: Artmed, 2012.

DAMÁSIO, A. **O Erro de Descartes:** emoção, razão e o cérebro humano. São Paulo. Companhia das Letras, 1998.

DARWIN, C. **A Origem das Espécies**. São Paulo. Editora: Edipro, 2018.

DESCARTES, R. **Meditações Metafísicas**. São Paulo. Editora: Martins Fontes, 2016.

DOIDGE, N. **O Cérebro que se transforma:** Como a Neurociências pode curar as pessoas. São Paulo. Editora: Record, 2013.

AUTOR. O que é história, o sentido da história e a historiografia**. Oficina do historiador**, Porto Alegre, v. 14, n. 1, p. 1 -14, jan.-dez. 2021.

AUTOR. Etnocentrismo, Xenofobia e Medo: Pulsão, Repressão e Recalque como Medo oculto do outro, do desconhecido, do diferente e do diverso. Caruaru**, Interritórios Revista de Educação da Universidade Federal de Pernambuco**, v.8, n. 17: e254345, 2022.

AUTOR. O impacto da violência na percepção de estudantes da educação básica. Niterói, **Saberes: Revista interdisciplinar de Filosofia e Educação**, *[S. l.]*, v. 18, n. 3, 2018.

FREUD, S. **Escritos sobre Psicologia do Inconsciente.** Rio de Janeiro: Imago, 1980.

FREUD, S. **O Ego e o Id.** Rio de Janeiro. Editora: Imago, 1988.

FREUD, S. **Cinco Lições de Psicanálise, Leonardo Da Vinci e outros trabalhos.** Rio

de Janeiro. Imago, 1994.

FREUD, S. **Introdução ao narcisismo, ensaios de metapsicologia.** Companhia das Letras, 2012.

FREUD, S. **Psicologias das Massas e Análises do EU**. São Paulo. Editora: L&PM, 2014.

FREUD, S. **Além do Princípio de Prazer**. São Paulo. Editora: L&PM, 2015.

FREUD, S. **Totem e Tabu**. São Paulo. Editora: L&PM, 2015.

FREUD, S. **Inibição, Sintoma e Medo**. São Paulo. Editora: L&PM, 2017.

GONSALVES, E. **O Universo das Emoções: uma introdução**. João Pessoa: Libellus Editorial, 2017.

HERCULANO-HOUZEL, S. **Neurociências na Educação**. Minas Gerais. Editora: Cedic, 2012.

HUME, D. **Tratado da Natureza Humana**. São Paulo. Editora: Unesp, 2018.

KLEIN, M. **Fontes do Inconsciente**. Rio de Janeiro. Editora: Zahar, 1968.

LOCKE, J. **Ensaio Sobre o Entendimento Humano**. São Paulo. Editora: Martins Fontes, 2017.

MAHLER, M. **O Nascimento Psicológico da Criança:** Simbiose e Individuação. Rio de Janeiro: Zahar, 1980.

MASCARENHAS, C. (Org.). **O Bebê não vive numa bolha:** Clínica e Contexto**.** São Paulo. Editora: Contracorrente, 2021.

MASLIN, K. T. **Introdução a Filosofia da Mente.** Porto Alegre. Editora: Artmed, 2014.

MERLEAU-PONTY, M. **Fenomenologia da percepção**. Editora: Martins Fontes, 1999.

UJVARI, S. C. **A História da Humanidade contata pelo Vírus**. São Paulo. Edit. Contexto, 2020.

VYGOTSKY, L. S. **A formação social da mente**. São Paulo: Martins Fontes, 1988.

VYIGOTSKY, L. S. **Linguagem, desenvolvimento e aprendizagem**. São Paulo. Edusp, 1988.

WINNICOT, D. **A Criança e o seu mundo.** Rio de Janeiro. Editora: Zahar, 1986.

WOLFF, F.; FERREIRA, R. L. **Nossa Humanidade:** de Aristóteles às Neurociências. São Paulo. Unesp, 2016.